

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A MENSAGEM

Sandra Marangoni

Neste texto tenho a intenção de registrar algumas experiências que vivi ao longo destes últimos três anos conhecendo e aprofundando a Mensagem de Mario Rodrigues Cobos, conhecido como Silo.

Pouco antes de me conectar com a Mensagem de Silo eu vivi algumas experiências intensas relacionadas a sonhos sobre a morte que se repetiam com frequência, busca pelo autoconhecimento, experiência de gestação, rompimento de um relacionamento de 13 anos.

Encontrava-me em um período de uma profunda busca pelo sentido da vida, por uma espiritualidade nova que conectasse com o meu eu e com pessoas afetuosas onde eu pudesse ser eu mesma, compartilhando a vida da maneira que ela é e se apresenta.

Em setembro de 2015 recebi um convite via facebook de uma amiga que havia conhecido há 13 anos e fazia uns 10 anos que não nos víamos, a Lourdes. Ela me convidava para participar da estreia do documentário, *Silo um caminho espiritual*. Quando vi a imagem do convite me chamou a atenção a palavra “caminho espiritual”. Era como se uma voz ecoasse dentro de mim: é isso que estou buscando. Imediatamente respondi ao convite confirmando minha presença.

No dia da estreia, tive imprevistos e algo dentro de mim parecia dizer, vá prestigiar o documentário. E fui. Segui minha intuição. Ao chegar no cinema, havia um clima de muita alegria e afeto. Fui bem acolhida por Lourdes que imediatamente me apresentou o produtor do documentário, Pancho Granela, depois me falou dos encontros entre amigos(a) que acontecia semanalmente e me convidou a fazer parte do grupo. Senti muita gratidão por esse reencontro com essa querida amiga.

Durante o documentário fiquei impressionada com a biografia de Silo, seus escritos e estudos sobre psicologia, filosofia, dentre outros. Porém, a parte que mais me impressionou foi quando mostrou uma cena sobre a necessidade de **as pessoas saírem do sofrimento**. Era como se ele estivesse falando para mim. Pensei: é isso que quero, busco e preciso.

Eu me sentia em estado de sofrimento pelas experiências que vivi nos últimos 4 anos de um relacionamento de 13 anos. Apesar de ter consciência de que era necessário o rompimento desse relacionamento, por sentir que eu precisava trilhar outros caminhos, os acontecimentos durante o processo desse rompimento geraram dores emocionais e desafios que requeriam de mim, *força interna* diária para ir dando respostas para mim mesma de modo que eu pudesse ir ressignificando e dando espaço para o novo se aproximar.

Como afirmei acima, eu buscava uma nova espiritualidade que fortalecesse e conectasse com minha *força e fé interna*. Ao sair do cinema tive a sensação que estava encontrando o caminho. Voltei para casa reflexiva e com o coração

repleto de gratidão. Na semana seguinte comecei a participar da Salinha Butantã!

Na Salinha, um espaço aconchegante, conheci duas experiências que também são chamadas de cerimônias: *Bem-Estar* e *Ofício*. Em ambas tem o ritual de pedir pelos seres queridos (a) que passam por algum sofrimento seja de ordem física, social, psicológica ou outra. Durante a cerimônia achei muito bonita a frase: "(...) uma onda de alívio e bem-estar deve chegar até elas...". Imaginei essa onda chegando até as pessoas queridas que eu havia pedido. Na sequência havia outra frase muito bonita que me conectou com pessoas que foram significativas em minha história:

"Concluiremos esta cerimônia dando a oportunidade, àqueles que assim desejem, de sentirem a presença daqueles seres muito queridos que, ainda que não estejam aqui em nosso tempo e nosso espaço, relacionam-se conosco na experiência do amor, da paz e da cálida alegria..." (SILO, 2007, p.61).

Enquanto essa frase era lida, lembranças e imagens de várias pessoas queridas vieram à mente formando um círculo ao lado das pessoas pelas quais fiz os *pedidos* com afeto e carinho, para que saíssem de seus estados de sofrimento.

Ao término da cerimônia eu parecia sentir a *onda de alívio* que eu havia enviado às pessoas. Era um sentimento forte de *alívio* e *Bem-Estar*. Voltei para casa reflexiva sobre o meu estado interno. A partir desse dia eu realmente decidi fazer parte desse grupo de amigos (a) participando semanalmente dos encontros da Salinha Butantã e dos encontros da Sala Sul de Minas.

Na experiência guiada denominada *Ofício*, é citada uma ou duas frases enquanto é realizada. Uma das frases mais impactantes para mim foi ouvir "*aprenda a resistir a violência que há em ti e fora de ti. Aprenda a reconhecer os signos do sagrado que há em ti e fora de ti*" (SILO, 2007, p.84,85).

A primeira frase contribuiu para eu começar a me auto observar sobre os meus estados de violência interna e externa. Tomei consciência de que se eu me conhecer e permanecer vigilante de meus pensamentos, posso me tornar um ser humano melhor, pois tudo o que penso reflete no mundo de alguma forma. Neste sentido, fui fazendo um exercício interior de alinhar meus pensamentos com os meus propósitos e minhas ações. Se quero um mundo melhor, uma humanidade de paz, preciso ser e viver o que denomino de melhor, preciso ser e viver essa paz. Temos a tendência de acreditar que a violência está somente fora de nós, no outro e na sociedade como um todo. Enquanto projetamos para fora, esquecemos de nos auto observar e perceber que também temos ações e pensamentos que muitas vezes geram violência.

A segunda frase contribuiu para eu me conectar com o melhor que há em mim e naqueles (a) que me cercam. Geralmente olhamos as fraquezas da sociedade como um todo, as fraquezas das pessoas que nos cercam e isso só tem sentido se for com o olhar da compaixão, de modo que seja um sinal para avançar na busca de valorizar o melhor que há em mim, no outro e na humanidade. Quando os meus signos do sagrado se conectam com os signos do sagrado do outro(a),

nos fortalecemos e somamos forças para trilhar o caminho. Penso que é isso que nos importa. E quando fazemos esse exercício, caem por terra todos os nossos PRE-conceitos, caem por terra tudo aquilo que tende a nos afastar das pessoas. Independente da religião, sexo, etnia, gênero, idade, todos(a) temos signos do sagrado.

Essa busca por uma espiritualidade começou muito antes de minha crise existencial de 2015. Quando eu tinha 10 anos eu lia revistas que mostravam pessoas no Brasil e em alguns países da África que estavam sofrendo pela fome ou pela seca. Nesta época eu morava em Alto Paraná, Paraguai. Eu sentia uma inquietação interna, almejava fazer algo pelo outro(a) e pelo meu crescimento espiritual, pessoal (...). Nessa busca, aos 15 anos tomei uma decisão e trilhei alguns caminhos que me levaram a retornar ao Brasil, vivi um tempo em Santa Catarina, depois no Paraná e por fim, cheguei a São Paulo, onde me encontro há 20 anos.

No período do cursinho pré-universitário e da faculdade tive a possibilidade de conhecer um pouco sobre a história das mulheres nesta sociedade patriarcal, dos povos originários, dos povos afrodescendentes e fui tomando contato com tantos fatos de violência que exterminaram vidas em nome da religião, em nome da “civilização” que precisei rever meus princípios, meus valores, minhas crenças e, de repente, muito do que eu acreditava “caiu por terra”. Era o momento de rever o caminho essa revisão tem se dado com os aportes de Silo.

Em algum momento ao longo desses 20 anos em São Paulo, sentia a necessidade de me conectar com as diferentes culturas da América latina, lugar que teve muito extermínio dos povos originários. Numa quarta-feira, na salinha Butantã, Alexandre Sammogine me fez um convite para ir a Punta de Vacas, em Mendoza, Argentina. Eu me perguntava: o que será que tem nesse lugar de tão especial que todos os anos as pessoas vão para lá? Aceitei o convite e fui me preparando para concretizar essa ideia. Em 2017 comprei passagem e fui, quando cheguei no lugar fiquei impressionada com tudo o que vi e vivi. Citarei brevemente duas experiências.

Era o momento de uma experiência guiada, o Ofício. Ao término, senti uma emoção tão forte e comecei a derrubar muitas lágrimas, era algo incontável, sem um motivo específico, impossível descrever. De repente, decidi sair do centro da sala onde eu estava e fui em direção a porta e, próximo a porta havia uma pessoa que, como eu, estava muito emocionada. Nos olhamos, sorrimos uma para a outra e nos abraçamos por um longo momento. Começamos a conversar, ela me disse que era do Peru, e quando me falou que era desse país eu me lembrei que um dia sonhei entrar em contato com a cultura dos povos originários onde viveram os Incas, Astecas e outros. Naquele momento eu sentia a sensação de que aquele sonho começava a se concretizar. Eu me apresentei e, em seguida, fiz o convite para ela vir ao Brasil conhecer a Sala Sul de Minas, ela sorriu para mim e disse eu vou. Nos tornamos amigas. A partir desse dia mantivemos sempre contato. Ela veio nos visitar no primeiro encontro de 4 de maio e no segundo. Ficou tão inspirada com as experiências vividas aqui, que

no ano seguinte abriu uma salinha em Huancayo. Delma é mais que uma amiga, nos reconhecemos irmãs de coração.

O acontecimento que relato acima vai de encontro a frase de Silo (2007, p.13) sobre a suspeita de sentido que diz: “às vezes uma compreensão total tem-me invadido”.

O PEDIDO

Em Punta de Vacas dei continuidade a um pedido que comecei a fazer na Salinha desde o primeiro dia que participei. Pedi pelos seres queridos de minha família que passaram por um grande conflito interpessoal e rompimento de amizade. Essa interrupção gerou muita dor e sofrimento ao meu pai e a minha mãe.

No ano, 2018, voltei a Punta de Vacas e novamente reforcei o pedido para os seres queridos de minha família que já completava 3 anos que estavam afastados necessitando de reconciliação. Meu pai, serenamente se aproximou e me perguntou: porque você vai ficar tanto tempo em Punta de vacas? Eu respondi: pai, eu preciso ficar um pouco entre as montanhas. Sinto essa necessidade. Estar lá me faz bem. No fundo, meu pai queria que eu ficasse com ele mais tempo.

Outro pedido que se somava aos que citei, era de que os médicos encontrassem o real problema de saúde de meu pai que há seis meses sentia algumas dores. Quando voltei ele estava muito mal, foi internado e tivemos clareza do real problema de saúde dele: um tumor maligno avançado no mediastino.

Entre janeiro e fevereiro, vivenciei a concretização dos pedidos. No momento das experiências que evidenciavam para mim a resposta aos meus pedidos, eu não tinha dúvidas de que a Mensagem de Silo havia tocado as pessoas queridas pelas quais pedi. A cena que projetei de reconciliação para as pessoas de minha família aconteceu exatamente como mentalizei e pedi. No momento dos acontecimentos que revelavam para mim a reconciliação que havia pedido, senti uma profunda paz e um sentimento de certeza de que tudo o que pedimos com muito afeto pelos seres queridos chega até eles e transforma situações que, por vezes, nos parecem impossíveis. Esse acontecimento vai de encontro ao que Silo (2007, p. 13) diz: “às vezes uma alegria imensa tem-me envolvido”.

Todas as experiências aconteceram no período de doença, morte e pós morte de meu pai. Em outro momento descreverei em detalhes o que estou sintetizando aqui.

E síntese, participar da Mensagem de Silo, verdadeiramente contribuiu e tem contribuído para eu viver uma espiritualidade que brota do mais profundo de meu ser em contato com pessoas muito queridas. O encontro com a Mensagem me reconectou com a busca pelo sentido da vida que teve início aos dez anos. Sem dúvidas tem contribuído para me aproximar e viver valores que almejei e comecei a viver desde a minha infância. Muito antes de conhecer Silo eu já fazia pedidos e, o sentia, percebia e tinha a convicção de que se concretizavam. Ao

me conectar com essa nova espiritualidade por meio do documentário “Silo um Caminho Espiritual”, senti que voltei para o caminho, direção que sempre busquei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A mensagem de silo. 5ª. Edição, 2017.

ⁱ Um espaço em que os(a) participantes da Mensagem de Silo se reúnem semanalmente para estudar e realizar experiências de meditação guiada.